

Revista do bom português

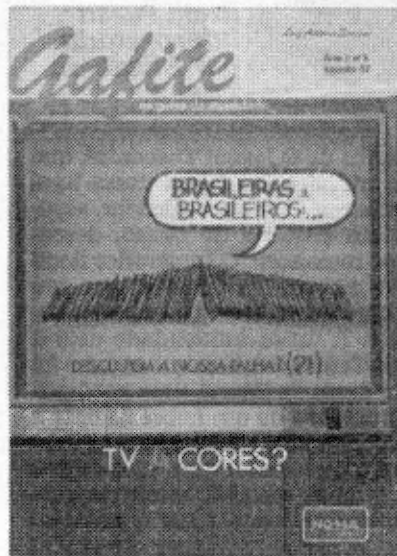
Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Na última esquina do segundo pavimento do prédio da Bienal Internacional do Livro, onde ficava o estande da Nossa Editora, **anunciavam-se** a cura de uma doença ainda mais comum que a gripe — o erro de português. A **Gafite**, síndrome da gafe, é o nome de uma revista mensal, que estava ali exposta, exclusiva a assinantes, que vem fazendo muito sucesso entre as outras publicações da Nossa Editora, uma empresa ribeirãopretana. O criador dessa revista, o professor de português Luiz Antonio Sacconi, é um homem **seríssimo**, purista e radical, de opinião de que é preciso eliminar completamente as impropriedades linguísticas, embora reconhece que quase **todo mundo** comete erros.

Ao constatar que as gafes se encontram por **toda parte** (e hoje em dia é mesmo difícil de se achar alguém que não as cometa), Sacconi teve a idéia de reuni-las numa publicação mensal que, a partir do próximo mês, se tornará **bimensal**. Nela, os erros de políticos importantes, jornalistas e juristas, nunca passam **desapercebidos**. A iniciativa foi **benvida**, tanto que hoje **Gafite** já conta com 30.000 assinantes. O preço da assinatura anual não é **caro**: 3,3 OTNS. Os interessados podem escrever para a Caixa Postal 1.501, Ribeirão Preto, SP, CEP 14.001.

O misterioso Luiz Antonio Sacconi não gosta de dar entrevistas à imprensa. Mas demonstrou **muito boa vontade** para responder a um questionário por escrito ao JORNAL DO BRASIL sobre os objetivos da sua **Gafite**. Da mesma forma, ele não quis revelar seus dados pessoais, como a idade, e não aceitou, em hipótese alguma, ser fotografado. "A **Veja**, por exemplo, está cansada de me convidar para escrever o **Ponto de Vista**, página final da revista", conta. "Mas sempre esbarra na exigência da foto." Até hoje, ele nunca foi **pego em flagrante** por nenhum fotógrafo. Mesmo **porquê** não se sabe **aonde** ele pode ser encontrado.

Os assinantes da revista comentam que Sacconi, autor também do livro **Não erre mais**, já na 11ª edição, costuma ser muito rigoroso. Certa vez, suspendeu a assinatura do comentarista **esportista** Juca Kfourri, do **Jornal da Globo**, só por que ele disse na televisão "anos sessenta" (e não "anos sessentas", como já tinha aprendido numa das lições da **Gafite** — neste caso, lembra,



De dois em dois meses, 'Gafite' corrige os erros de seus 30.000 leitores sob o comando do Prof. Sacconi

não se trata de um numeral, mas de um substantivo e, como tal, deve sofrer variação). Sacconi diz que sempre corrige um erro "à luz da língua".

O gramático gaúcho Celso Luft, no entanto, não compartilha dessa opinião. Para ele, autor de **Língua liberdade**, "esse tipo de revista faz muito mal, equivoca as pessoas e é produto de pedantes, puristas, preconceituosos e reacionários". Segundo Luft, "o povo é dono da língua". Portanto, de acordo com o seu ponto-de-vista, "a língua irá evoluir, modificar-se de qualquer forma, e não vão ser as medidas puristas que tolherão esse processo". Simpático a uma maior liberdade da fala ("e não a uma libertinagem", diferencia), Luft não aceita expressões como "anos sessentas", "dois Picassos", "pisar à grama" ou "TV em cores". Mas o professor Sacconi, por sua vez, não quer nem ouvir falar em "anos sessenta", "dois Volpi", "pisar na grama" e "TV a cores". Ele nunca pronunciaria um erro **deste**. Quem terá razão? Eis uma pergunta dura de se responder. Por outro lado, há expressões que ele usa sem receio. Como "mais ruim", "mais pequeno" e "ambos os dois".

Perguntado sobre os políticos brasileiros que mais cometem gafes, Sacconi não poupa farpas: "José Sarney (o homem que conseguiu criar a expressão mais simplória da língua portuguesa: 'brasileiras e brasileiros'); Dilson Funaro (que não tem pejo em dizer 'entre eu e o presidente'); Ulysses Guimarães (incapaz de dizer 'próprio' — diz 'própio', 'apropriadamente'); Orestes Quércia (que nunca viu na vida concordância verbal); Paulo Maluf (que já chamou Montoro de 'septuagenário'); Lula (que não mede esforços em começar frases com 'de que'); Jânio Quadros (que pensa que sabe português); e Antônio Ermírio de Moraes (que sempre prefere 'do que')."

Agora, anote as correções das palavras grifadas no texto desta reportagem e não fique **pasmo**. Pela ordem: anunciava-se a cura; **Gafite**

(sem o artigo A); exclusiva de assinantes; riberopretana ou Ribeirão-Pretana; o criador desta revista; seríssimo; opinião que é preciso; linguísticas (com trema); reconheça; todo o mundo; toda a parte; difícil de achar; comentam; bimestral (a cada dois meses, e não duas vezes por mês); despercebidos; bem-vinda; alto (no lugar de "preço caro"); OTNs (com s minúsculo); muita boa vontade; pegado em flagrante; mesmo porque (sem acento); onde ele pode ser encontrado; comentarista esportivo; porque; nunca pronunciaria um erro destes; dura de responder; não fique pasmado.

Reprovados por Sacconi



□ **Ulysses Guimarães** — "Ele é incapaz de dizer 'próprio'. Diz 'própio', 'apropriadamente'."

□ **Paulo Maluf** — "Ele já chamou Franco Montoro de septuagenário." O correto seria setuagenário.



□ **Presidente José Sarney** — "É o homem que conseguiu criar a expressão mais simplória da língua portuguesa: 'brasileiras e brasileiros'."